

A UNIÃO EUROPEIA E O EURO SERVIRAM PARA ENRIQUECER A ALEMANHA

Com a vitória do Syriza na Grécia uma santa aliança surgiu na U.E. contra o povo grego. E como não podia deixar de ser os que, em Portugal, estão sempre de acordo, submissos, com sra. Merkel e com Bruxelas, e têm acesso fácil aos media, levantaram-se em uníssono contra um povo que teve a coragem de (ousou) desafiar os burocratas de Bruxelas e de Berlim, que vêm assim o seu poder antidemocrático e mordomias serem postas em causa.

E a santa aliança interna manifestou-se (e estes são apenas alguns exemplos entre as dezenas que se podiam citar) logo pela voz de Passos Coelho que, dando mais uma vez provas do seu primarismo, classificou o programa do Syriza, que visa acudir à tragédia humanitária que atingiu a Grécia e restabelecer a dignidade do povo grego, como um “conto de crianças”. Na SIC, José Gomes Ferreira, o defensor da “austeridade que resulta”, com o seu ar convencido e professoral, previu uma tragédia final para a Grécia e para a U.E. e com isso tentou, mais uma vez, amedrontar e imobilizar os portugueses. No semanário SOL, José António Saraiva considerou que a experiência grega, condenada ao fracasso, será a “vacina” necessária para todos aqueles que ousam por em causa a política de empobrecimento imposta pela U.E. e que afirmam que existe uma alternativa a esta política de destruição do país. No Expresso, Henrique Monteiro caracteriza o programa do Syriza como “um programa para desesperados, irresponsável e deve ser criticado” Na RTP, José Rodrigues Santos, em comentário de Atenas às eleições gregas, no seu ar brejeiro característico, procurando denegrir o povo grego, afirmou que os “gregos fazem-se de paráliticos para ter um subsidiozinho”. Outros, embora não se atrevam a exteriorizar, desejam no seu intimo o fracasso da experiência grega para depois dizer que tinham razão, como possuísem a “solução milagrosa” e a alternativa não fosse lutar pela mudança.

É uma verdadeira santa aliança de todos que só se sabem curvar perante os burocratas de Bruxelas e a sra. Merkel, procurando assim obter as suas graças, que se levantou contra os que ousam desafiar Bruxelas. E um dos argumentos mais utilizados nesta campanha, embora sem se darem ao trabalho de o provar, é que os outros países e, nomeadamente a Alemanha, não têm nem estão dispostos a pagar a fatura grega.

Interessa pois analisar com objetividade e profundidade este argumento, ou seja, se é a Alemanha que financia os outros países, ou se o nível de vida dos alemães é conseguido à custa da transferência de riqueza de outros países para Alemanha. Para isso vamos utilizar dados da própria Comissão Europeia constantes da sua base de dados AMECO.

O BEM-ESTAR DOS ALEMÃES É CONSEGUIDO À CUSTA TAMBÉM DA RIQUEZA CRIADA EM OUTROS PAÍSES E TRANSFERIDA PARA A ALEMANHA

O quadro 1, construído com dados oficiais da Comissão Europeia, mostra de uma forma clara e sintética os resultados para três países - Alemanha, Grécia e Portugal - da criação da União Europeia e, nomeadamente, da Zona do Euro em 2002.

Para que os dados do quadro sejam mais claros interessa ter presente o significado dos conceitos que são utilizados nele: (1) **PIB, ou seja, o Produto Interno Bruto**, corresponde ao valor da riqueza criada em cada país em cada ano pelos que residem nesse país; (2) **PNB, ou seja, Produto Nacional Bruto**, corresponde à riqueza que os habitantes de cada país dispõem em cada ano que pode ser maior do que a produzida no país (no caso da transferência de riqueza do exterior ser superior à riqueza produzida no país em cada ano transferida para o exterior) ou então pode ser menor que a produzida no país (no caso de uma parte da riqueza produzida no país ser transferida para o exterior e não ser compensada pela que recebe do exterior).

E como os próprios dados divulgados pela Comissão Europeia mostram, antes da entrar para a União Europeia, o PIB alemão era superior ao PNB, o que significava que uma parte da riqueza criada na Alemanha era transferida para o exterior beneficiando os habitantes de outros países. No entanto, após a entrada para a União Europeia, o PNB alemão passou a ser superior ao PIB alemão. Isto significa que a riqueza que os alemães passaram a dispor após a criação da União Europeia, e nomeadamente da Zona Euro passou a ser muito superior ao valor da riqueza produzida no próprio país, o que é só possível por meio da transferência da riqueza criada pelos trabalhadores dos outros países para a Alemanha. Na Grécia e em Portugal aconteceu precisamente o contrário. Mas observem-se os dados do quadro que são extremamente claros.

Quadro 1 – Transferência de riqueza criada em outros países para a Alemanha, e transferência de riqueza criada na Grécia e em Portugal para o exterior a preços de mercado – 1995/2015

ANO	ALEMANHA - Milhões€			GRECIA - Milhões €			PORTUGAL- Milhões €		
	PIB	PNB	PNB-PIB	PIB	PNB	PNB-PIB	PIB	PNB	PNB-PIB
1995	1.924.710	1.922.736	-1.974	103.529	105.678	2.149	94.351	94.704	353
1996	1.964.650	1.958.669	-5.981	114.835	117.225	2.390	102.357	101.981	-376
1997	2.015.250	2.001.544	-13.706	125.688	128.188	2.500	111.385	110.805	-581
1998	2.061.810	2.044.413	-17.397	134.218	135.332	1.114	119.639	119.029	-610
1999	2.113.500	2.099.048	-14.452	141.732	142.291	559	128.466	126.019	-2.447
2000	2.176.810	2.157.979	-18.831	151.987	153.119	1.132	135.828	133.102	-2.725
2001	2.206.280	2.180.217	-26.063	162.274	162.906	632	142.631	140.137	-2.494
2002	2.217.050	2.198.493	-18.557	178.571	177.791	-780	146.158	144.324	-1.834
2003	2.267.580	2.284.712	17.132	193.013	191.957	-1.056	152.372	150.090	-2.282
2004	2.297.820	2.320.730	22.910	199.153	196.344	-2.809	158.653	156.209	-2.443
2005	2.390.200	2.435.124	44.924	217.831	213.046	-4.786	166.249	160.967	-5.282
2006	2.510.110	2.551.867	41.757	232.831	226.446	-6.385	175.468	169.874	-5.594
2007	2.558.020	2.589.361	31.341	242.096	234.472	-7.624	178.873	171.910	-6.963
2008	2.456.660	2.515.769	59.109	237.431	231.802	-5.629	175.448	169.024	-6.424
2009	2.576.220	2.630.399	54.179	226.210	219.976	-6.234	179.930	173.689	-6.241
2010	2.699.100	2.768.548	69.448	207.752	201.703	-6.049	176.167	172.518	-3.648
2011	2.749.900	2.822.208	72.308	194.204	195.766	1.562	169.668	164.713	-4.955
2012	2.809.480	2.881.862	72.382	182.438	182.270	-168	171.211	167.452	-3.760
2013	2.900.352	2.965.480	65.128	180.793	178.993	-1.800	174.699	170.826	-3.874
2014	2.984.207	3.048.438	64.231	186.967	183.667	-3.300	179.448	175.429	-4.020
2015	3.095.754	3.158.850	63.096	196.061	192.361	-3.700	185.267	181.068	-4.199

FONTE: Base de dados AMECO- Comissão Europeia

Observem-se com atenção os dados do quadro 1, mas recorde-se mais uma vez o seguinte: PIB é o valor da riqueza criada anualmente no país; o PNB é o valor da riqueza que o país tem ao seu dispor em cada ano. São duas coisas diferentes e quais as conclusões que se tiram dos dados da Comissão Europeia constantes do quadro 1?

Começamos pela Alemanha. Até 2002, o PNB alemão era inferior ao PIB alemão, o que significava que uma parcela da riqueza criada na Alemanha ia beneficiar os habitantes de outros países. A partir da criação da Zona Euro em 2002, a situação inverte-se rapidamente: o PNB alemão passa a ser superior ao PIB alemão, ou seja, superior ao valor da riqueza criada na Alemanha. Isto significa que uma parcela da riqueza criada em outros países é transferida para a Alemanha indo beneficiar os habitantes deste país. Só no período 2003-2015 estima-se que a riqueza criada em outros países que foi transferida para Alemanha, indo beneficiar os seus habitantes, atingiu 677.945 milhões €, ou seja, o correspondente a 3,8 vezes o PIB português.

Na Grécia e em Portugal aconteceu precisamente o contrário como mostram os dados da Comissão Europeia. Na Grécia até 2001, o PNB grego (a riqueza que o país dispunha anualmente) era superior ao PIB (o que era produzido no país). No entanto, a partir de 2002, com a criação da Zona Euro, começa a verificar-se precisamente o contrário. Uma parcela da riqueza criada na Grécia é transferida para o exterior indo beneficiar os habitantes dos outros países. Em Portugal aconteceu o mesmo mas logo após a entrada para a União Europeia em 1996.

Como revelam os dados da Comissão Europeia constantes do quadro 1, se consideramos o período que vai desde a criação da Zona do Euro (2002-2015) a riqueza criada na Grécia que foi transferida para o exterior, indo beneficiar os habitantes de outros países, já atingiu 48.760 milhões €.

Em Portugal tal situação começou poucos anos depois de entrar para a União Europeia. Em 1995, o PNB português, ou seja, a riqueza que o país dispôs nesse ano ainda era superior ao PIB, ou seja, à riqueza criada nesse ano em Portugal, em 353 milhões €. A partir de 1996, o PIB passou a ser superior ao PNB, ou seja, uma parte crescente da riqueza criada em Portugal começou a ser transferida para o exterior indo beneficiar os habitantes de outros países. No período 1996-2015, o valor do PIB deste período (20

Como os outros países contribuem para o enriquecimento da Alemanha

anos) é superior ao valor do PNB deste período em 70.751 milhões €. Tal é o montante de riqueza líquida criada em Portugal que foi transferida para o exterior indo beneficiar os habitantes de outros países, incluindo os da Alemanha. E como mostram também os dados do quadro 1, após a entrada de Portugal na Zona Euro em 2002, a transferência da riqueza criada em Portugal para outros países aumentou ainda mais (só no período da “troika” e do governo PSD/CDS a transferência líquida de riqueza para o exterior que foi beneficiar os habitantes de outros países atingiu 20.807 milhões €).

Afirmar como fazem os defensores em Portugal da sra. Merkel e dos burocratas de Bruxelas que é a Alemanha que financia tudo, é não compreender os mecanismos atuais de funcionamento da economia mundial e da economia da U.E.; é, no fundo, mostrar grande ignorância; é mentir. Em estudos futuros procuraremos mostrar como a transferência de riqueza se faz, e fundamentalmente como a Alemanha espolia os outros países, nomeadamente os mais fracos como sucede com Portugal e a Grécia

MAIS DE DOIS MILHÕES DE PORTUGUESES NO LIMAR DA POBREZA SEGUNDO O INE

Esta transferência maciça de riqueza criada em Portugal para outros países, associada à destruição nomeadamente da agricultura, das pesca e da indústria e, conseqüentemente, também do emprego, tem causado o aumento rápido da miséria como revelam os dados divulgados pelo INE em 30.1.2015 e constantes do quadro 2.

Quadro 2- Indicadores de pobreza e desigualdade económica em Portugal - 2011-2014						
Ano de referência dos dados	un.	2010	2011	2012	2013 (Po)	Var.2010-2013
Taxa de risco de pobreza (60% da mediana)						
Antes de qualquer transferência social	%	42,5	45,4	46,9	47,8	12,5%
Após transferências relativas a pensões	%	25,4	25,3	25,5	26,7	5,1%
Após transferências sociais	%	18,0	17,9	18,7	19,5	8,3%
Indicadores de desigualdade do rendimento						
Coeficiente de Gini	%	34,2	34,5	34,2	34,5	0,9%
Desigualdade na distribuição de rendimentos (S80/S20)	n.º	5,7	5,8	6,0	6,2	8,8%
Desigualdade na distribuição de rendimentos (S90/S10)	n.º	9,4	10,0	10,7	11,1	18,1%
EU-SILC		2011	2012	2013	2014 (Po)	

FONTE : EU-SILC 2011-2014 - INE - Janeiro de 2015

Como revelam os dados do INE, em 2010, ano anterior à entrada da “troika” e do governo PSD/CDS, 42,5% dos portugueses, ou seja, 4.431.603 estariam no “limiar da pobreza” se não existissem prestações sociais; em 2013, essa percentagem já tinha aumentado para 47,8% dos portugueses, ou seja, para 4.984.250 (+552.647).

Mas mais grave é o aumento verificado após o pagamento das prestações sociais (*pensões, Rendimento Social de Inserção, Complemento Solidário de Idoso, abono de família, etc.*). Como consequência da política da “troika” e do governo PSD/CDS de cortes na área das prestações sociais aos mais desfavorecidos, o número de portugueses na pobreza aumentou, entre 2010 e 2013, de 1.876.914 (18% da população portuguesa) para 2.033.324 (19,5% da população portuguesa). Em Dezembro de 2014, 35% dos jovens portugueses estavam desempregados, e o desemprego oficial atingia 695 mil portugueses. E segundo o INE o desemprego é a maior causa da miséria em Portugal (40,5% dos desempregados viviam no limiar da pobreza já em 2013 segundo o INE). Passos Coelho, procurando diminuir os efeitos dos dados do INE afirmou em Fátima (31.1.2015), que os dados do INE “*são um eco do que o país passou, mas não a situação atual*” pois, diz ele, referem-se a 2013, como a realidade em 2014 se tivesse alterado. A mentira não é suficiente para a alterar a realidade. A confirmar a mentira está o facto de não ter sido capaz de apresentar outros dados sobre a pobreza em Portugal.

As desigualdades entre ricos e pobres aumentaram muito nestes últimos anos em Portugal, fruto da política de austeridade recessiva, imposta pela “troika” e governo PSD/CDS que atingiu principalmente a classe média e os pobres e que agravou ainda mais as desigualdades já existentes. Como revelam também os dados do INE constantes do quadro 2, entre 2010 e 2013, o número de vezes que o rendimento dos 10% da população mais ricos é superior ao dos 10% mais pobres aumentou de 9,4 vezes para 11,1 vezes. O Coeficiente de Gini, um indicador das desigualdades atingiu, em 2013, 34,5%, muito superior à média da União Europeia, que é 30,5%. Dizer neste contexto, como fazem Passos Coelho e Paulo Portas, PSD e o CDS, que estamos agora melhor que antes da entrada da “troika” e deste governo, é procurar enganar a opinião pública, é mentir descaradamente, pois as finanças e o OE devem servir as pessoas, e estas não devem ser sacrificadas no altar das finanças e do OE.

Eugénio Rosa, edr2@netcabo.pt, 31.1.2015